

Suplemento Cultural

Edição comemorativa da 'Revista da ASL' nos 43 anos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO – PRESIDENTE DA ASL

O primeiro número da 'Revista da ASL' foi publicado em 2003, transformando-se atualmente na luz maior dos programas executados pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. O nosso sodalício vem mantendo, desde então, uma extraordinária tradição da cultura literária entre os que militam no campo das letras, equiparando-se a um estuário da nossa região, somando a este brilho o Suplemento Cultural, da lavra dos nossos acadêmicos, editado semanalmente pelo jornal *Correio do Estado* desde o ano de 1972.

Lendo Agostinho Hippo, que alicerçou com suas ideias o monumental edifício filosófico do cristianismo, fiquei deveras admirado com a sua emblemática divisão do tempo. Diz ele: "Existem três tempos: o tempo presente das coisas passadas, o tempo presente das coisas presentes e o tempo presente das coisas futuras."

Seria audácia colocar-me na condição de pensador ou especialista da área para analisar, em profunda reflexão, o que verdadeiramente quis dizer o ilustre filósofo, entretanto, conhecendo e vivendo



SELO "ASL 43 ANOS"

diariamente o tempo de existência da nossa Academia (seu passado brilhante, recheado de restaurantes vitórias e feitos imorredouros), chego a uma conclusão: estamos contemplados com "o tempo presente das coisas presentes".

Aplausos para a nossa Academia, que no momento – com discrição e seriedade – se espelha num quadro cheio de pontos luminosos, destacando-se também a construção da sede da Instituição, que se encontra em andamento, num esforço desmedido de

“

Aplausos para a nossa Academia, que no momento – com discrição e seriedade – se espelha num quadro cheio de pontos luminosos, destacando-se também a construção da sede da Instituição (...)"

seus membros e do desprendimento do Dr. André Puccinelli, governador do Estado de Mato Grosso do Sul. Comemoraremos (na próxima noite de 30/10) o 43º aniversário de fundação da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e – na ocasião – ofertaremos ao público o nº 26 de nossa aplaudi-

da *Revista*, que, além de inserir textos livres dos nossos confrades, homenageia o acadêmico Américo Ferreira Calheiros, poeta e escritor, autor de cinco livros, e atualmente presidente da Fundação de Cultura de MS, com expressiva trajetória em favor da cultura sul-mato-grossense (e uma das figuras de destaque no tocante aos esforços para o novo prédio da ASL). Nas páginas deste volume temos também notícias acadêmicas e algumas imagens/fotos de perspectivas do moderno auditório da nossa Academia (projeto do arquiteto Octavio Ferreira Loureiro).

É comum numa obra de arte surgir inesperadamente aquele lume que salta, que se destaca, que interfere como um manancial de alegria no seio de um povo. Falo da *Revista da ASL*, obra de arte por excelência, que ilumina o céu literário do povo sul-mato-grossense.

Rendemos louvores e um formidável pleito de gratidão, numa sinalização que se faz justa, ao Excelentíssimo Governador André Puccinelli, que, desde 2005, dotado de extrema generosidade, firmou e consolidou apoio para as tiragens da nossa *Revista*.

Aos confrades e congreiras que contribuem para o sucesso das publicações, nossos agradecimentos. E a Academia aplaude de pé (mais uma vez, num agradecimento perene) o acadêmico Rubenio Marcelo (poeta/escritor e atual secretário-geral da ASL): talentoso e dinâmico coordenador e revisor das mais recentes edições (inclusive esta) da *Revista da ASL*.

O Homem Legenda

HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA

Encontrávamo-nos no escritório, ainda febril, quando recebemos notícia telefônica de Campo Grande: o falecimento de J. Barbosa Rodrigues!

Por instantes, as mãos quedaram-se no teclado da máquina de escrever, e baixamos a cabeça numa silenciosa prece. E tristeza, de mansinho, veio para nos advertir que é dessa maneira que nos esvaziávamos gradativamente durante a Vida!

Barbosa Rodrigues e sua esposa Henedina formavam um casal modelo, indivisível, um fascinante e expressivo exemplo de luta, de coragem, de competência e de honestidade! Lá pela década de 1940, Barbosa Rodrigues e Henedina deixaram a fidalga cidade mineira de Poços de Caldas e rumaram para Ponta Porã em busca de novos horizontes. Em Campo Grande, ficaram decepcionados ao saber da inexistência de ligação ferroviária para aquela cidade fronteiriça. Desistiram de imediato da viagem. Ficaram numa cidade desconhecida, que os fascinava, tão trepidante e cheia de vida! Na roleta do destino, nesse instante, Ponta Porã perdia, e Campo Grande ganhava dois valores que, no futuro, seriam valiosos propulsores do seu progresso!

Sem lenço nem documento, o casal leu num jornal que a Escola Boa Vista, mantida pela numerosa colônia japonesa, precisava de professores. Ambos se apresentaram e, aceitos pelo diretor Oshiro Takemori, foram lecionar na zona rural, na Mata do Ceroula.

Período tranquilo, mas difícil!

Sem condução própria, e quando não lhes era oferecida uma carona, caminhavam quilômetros e quilômetros – Barbosa Rodrigues levando as compras feitas em Campo Grande, Henedina conduzindo o filho menor José Maria.

Na segunda etapa, mais tarde, Barbosa Rodrigues foi contratado como faxineiro (única vaga existente na ocasião) do 'JORNAL DO COMÉRCIO', cujo diretor era o famoso Dr. Jayme Ferreira Vasconcelos. Barbosa Rodrigues não se avexou com a humildade das funções (limpeza da casa e das máquinas). Tinha plena consciência do seu valor e da sua superioridade. Conseguiu publicar, mais tarde, um artigo seu no jornal.

O Dr. Jayme leu o trabalho e ficou surpreso. Mandou chamar o "faxineiro" e foi taxativo:

– O senhor trabalhando como faxineiro no meu jornal? Que absurdo! Está desperdiçando talento e cultura de um legítimo jornalista.

(Essa história ele próprio nos contou, confirmada pela nossa inesquecível amiga Henedina.)

Decorrido mais de meio século de trabalho, de lutas, de realizações e êxito nas áreas de jornalismo, da TV, da história, da cultura sul-mato-grossense, J. Barbosa Rodrigues desmentiu, solenemente, a afirmativa do escritor francês Balzac de que "A glória é o sol dos mortos".

Os homens passarão, os políticos, os governos, mas J. Barbosa Rodrigues, ainda vivo, continuou no ápice do seu prestígio, recebendo as maiores e as mais diversas e honrosas homenagens da agradecida comunidade sul-mato-grossense!

Com o falecimento de J. Barbosa Rodrigues, aos 86 anos de vida, não só a imprensa da nossa terra está de luto fechado, mas também seus amigos, os seus admiradores e a ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS, que chora a morte física do seu fulgurante Acadêmico e do seu grande benfeitor!

POESIAS

UNI... VERSO

Quando no teu silêncio
Uma estrela te contar
As histórias do infinito,
Pensa... e pode acreditar...
Que distante em espirais,
Nas galáxias mais bonitas,
Não se rouba o mito,
Não se rouba o sol,
Não se rouba o Amor...
Nem mesmo razões banais
Da tua alma contrita.
Quando o fim não tem começo
E tudo vira do avesso...
E te vês no meio do asfalto,
Sozinho de mãos para o alto...
És um ponto no infinito...
Há um infinito em ti.
E o avesso vai decifrando
Nesse Cosmo tão profundo,
De silêncio sustentável.
É o enigma desse mundo
Temeroso como a Terra,
Onde flutuam astronautas.
Se há vida em outras esferas
Há razões para a espera,
Em busca do apogeu.
Que... há um poema em ti
Quando buscas o teu Deus!

ELIZABETH FONSECA

SÚPLICA

Ó sacrossantas mãos umedecidas
No sangue de quem pende do madeiro!
Mãos que acenaram para o adeus à vida
Na humilhação do instante derradeiro...

Pálidas mãos que agora estão pendidas
Num gesto humildemente sobranceiro,
Depois da extrema dor da despedida
Ao filho injustiçado e justiceiro...

Tende, ainda uma vez, na humanidade
E no supremo amor desta humildade,
Vossa expressão de alma de mãe, tão boa.

Não permitais que eu fique arrependido
Pelo estendal do mundo mau, derruído,
Sem vosso santo olhar que ama e perdoa!

ALTEVIR ALENCAR

A BRIGA DA VIDA

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

De tantas andanças que se tem durante a existência, vai-se adquirindo uma vivência que nos vem, quer de nossas experiências, quer das experiências dos outros.

Observando, portanto, o viver cotidiano, com seus altos e baixos, suas sombras e luzes, cheguei a uma conclusão que me assustou deveras: a mocidade moderna está bastante imatura para certas lutas da vida.

Não me condenem pela afirmação. De minha parte, bem que não gostaria de registrá-la. Entretanto, tenho de confessar que o despreparo dos jovens, de modo geral, salta aos olhos do observador atento.

Casais novos, com um ano, ano e pouco de matrimônio, com criança nos braços, que se apresentam

para a separação. Motivos? De todos os tipos, desde os mais comezinhos, até os mais graves: uma simples incompatibilidade de gostos ou um grave vício pessoal.

No tempo do namoro e do noivado, ao que parece, não se conheceram, não se empenharam numa análise mútua de capacidades e possibilidades de convivência. Iludiram-se, encantaram-se um com o outro somente, apaixonaram-se irresistivelmente e nunca se questionaram em coisas mais profundas que dissessem respeito à futura vida a dois.

Depois, a desilusão, o desgosto, a ruptura e todas as sequelas prejudiciais a ambos.

Não, caros jovens, a vida é uma guerra, é preciso brigar por aquilo que se conquista, não se pode ceder aos primeiros embates e combates, só nos tem valor o que se consegue com garra e perseverança. A vida jamais foi festa e não deixa muitas opções como nos pode parecer em nossa juventude ou mocidade colorida de sonhos e alcatifada de rosas.

De Palavras e Silêncios

LUCILENE MACHADO

Desde que cheguei a Madrid, tento ser um pouco surda. Se cuido em ouvir tudo o que passa, ensurdeço de vez. Como falam os espanhóis! Tento não ser engolido pelas ressonâncias do que ouço, mas devo confessar que me encantam as pessoas. O povo tem a arte de imaginar, de tornar novas as coisas, de puxar água, puxar sonhos, puxar as palavras e escrever a vida em cartazes, em papel jornal, e levar a outros para que sejam lidos os verbos dos sentidos e seja avultada a parte humana da humanidade. Os espanhóis cuidam em ser mais humanos do que nós. Não, não é bem isso o que eu quero dizer. O que ocorre é que os espanhóis têm na palavra uma carga lexical que me humaniza, me desarma, além de me afundar num romantismo tardio, inexplicável. Parecem falar com a voz que está detrás da voz. Com a voz verdadeira, aquela que espera uma resposta e está interessada nela. Isso me faz mover o corpo, limpar a garganta antes de acionar o canal da minha primeira pessoa do singular. É bem mais fácil falar por

um canal coletivo, com ideias pensadas, experimentadas, comprovadas... mas os espanhóis arrancam todas as minhas capas. Que capacidade têm para chegar ao ângulo da intenção. Até minha capa literária é rasgada de alto a baixo. Será que estou perdendo a literatura para a vida real? Alguém disse que a vida real não existe, tudo é literatura. Aqui sinto o contrário, tudo é vida real. Sinto a realidade em cada morfema pronunciado. Seria o idioma espanhol mais objetivo que o português? *Por supuesto*. Mas se pode fracassar tanto em um como em outro. Nenhum idioma consegue traduzir todas as nossas inquietações. Clarice Lispector dizia que há muito mais sensações por dentro do que palavras para expressá-las por fora, de modo que vomitou: "nascer me estragou a saúde". A construção lexical da frase nos faz sentir um pouco impotentes, um pouco confusos, parece aquelas frases de enganar bobo que escrevemos quando crianças para confundir os amigos mais novos que não sabiam ler muito bem. A verdade é que a linguagem é uma arma. Cada um a maneja como pode. Meu modo preferido é o silêncio. É a maneira de expressar minhas angústias inexpressáveis sem pronunciar palavras miseráveis. Sei que esta é uma dinâmica da minoria. Todavia eu faço parte desta categoria,

não mui numerosa, dos que fazem revelações contundentes sem dizer uma palavra. É um modo complexo de comunicação. Ou porque às vezes não há outra solução. Como explicar com palavras que hoje partiu de mim um barco submarino levando o meu coração? Se eu soubesse exercitar o surrealismo provavelmente escreveria um poema terrivelmente exato, ou pintaria, à maneira de Dalí, um autorretrato com todas as ausências humanas. Todos os ocios. Cada uma tomando uma parte do meu corpo. Meu corpo está cheio de gavetas vazias, e isso não se diz com palavras. Seriam frases muito mal-escritas. Enfim, meu silêncio é minha impotência em esclarecer sentimentos e sensações. É uma maneira de me acovardar, de fugir, de não enfrentar o touro e segurá-lo pelos chifres. Não está mal essa metáfora do touro já que estou em terra de toureiros. Talvez, escrever coisas assim me permitisse conhecer os senhores da Real Academia espanhola, que criam realidades com o idioma e me fazem representar a verdade neste cenário mediterrâneo, ainda que eu pense, categoricamente, que isso é vida real. Talvez um encontro me intimidasse e eu, automaticamente, recorresse ao silêncio. Ou lhes diria em bom português: "nascer me estragou a saúde", porque em espanhol isso é impossível.